

MONTEIRO, Miguel Corrêa – *Ignácio Monteiro (1724-1812): um jesuíta português na dispersão.*
Lisboa, Centro de História da Universidade de
Lisboa, 2004. 562 p.

O Autor é um jovem professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e acaba de ser admitido, por direito próprio, como académico correspondente da Academia Portuguesa da História. E não foi em vão, pois nesta instituição já apresentou, em breve espaço de tempo, duas comunicações, tendo até participado nas *Jornadas Históricas de Castelo de Vide*, ali organizadas pela mesma Academia, iniciativas muito válidas das actividades externas da Academia – levar às áreas distantes o gosto pela História como fonte essencial para o conhecimento e respeito pelo Passado –, que tendem a estender-se a outros concelhos.

O livro, que hoje registamos, assenta na dissertação de doutoramento, como contributo para a história da Companhia de Jesus durante o Iluminismo, através do estudo do «percurso humano, religioso e cultural do Padre Inácio Monteiro (1724-1812), afastado de Portugal pela política persecutória de Sebastião José de Carvalho e Melo, ainda 1º Conde de Oeiras».

Honrado com um «Prefácio» do Prof. Joaquim Veríssimo Serrão, *magister et sacerdos magnus cultorum Lusitanae historiae*, orientador da tese, Miguel Monteiro, depois de páginas de agradecimentos, de desenvolvimento das abreviaturas usadas na citação de arquivos e fontes, da tabela biográfica sobre Inácio Monteiro, dedica 18 páginas a uma introdução-síntese da sua obra cujo cap. I é consagrado à «Companhia de Jesus face ao espírito moderno», desenvolvido em 10 rubricas, das quais salientamos a 1ª, «O contributo da *Ratio studiorum* para o sistema educativo inaciano» e a última, «Descartes e o ensino publicado pelos jesuítas em Portugal». Não há razão, como bem escreve o Autor, para usar a palavra *ratio* como nome masculino em certos meios que se têm como universitários; nós, os latinistas, usamos com alguma liberdade a

«constructio ad sensum», mas não tanto... E lamentamos que *rácio* apareça registado como nome masculino no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa.

As teorias cartesianas, que tiveram no Padre António Vieira um grande opositor, encontraram alguns defensores, não deixando de dar origem a grandes polémicas. Miguel Monteiro faz uma análise muito pormenorizada desta intrincada questão: Descartes continuou a ser lido por amigos e inimigos.

O cap. II, que tem por designação genérica «A educação da Companhia no tempo de Inácio Monteiro», reparte-se por 25 secções, qual delas com o seu interesse e suficiente desenvolvimento. Salientamos a nº 24 dedicada a «o currículo escolar estabelecido na *Ratio studiorum* de 1599», matéria sobre a qual se pronunciaram o sempre lembrado António Alberto Banha de Andrade e eu próprio quando me ocupei dos lexicógrafos portugueses da língua latina, ao estudar os dicionários latinos de Bento Pereira e de António Pereira de Figueiredo, para concluir que, ao nível dos estudos secundários, não houve qualquer vantagem na substituição dos compêndios usados pelos jesuítas; pelo contrário, houve irreparável solução de continuidade. Um aspecto que Miguel Corrêa Monteiro deixa em claro é o estudo dos dicionários e vocabulários utilizados na execução da admirável programação pedagógica preconizada no sistema de educação na Companhia.

Se as páginas anteriores são, por assim dizer, preparatórias para localização do leitor no ambiente, estrutura pedagógica e nível em que decorreu a educação inaciana, com o cap. III, «O padre Inácio Monteiro: do noviciado ao magistério (1739-1759)», o Autor inicia propriamente o tema fulcral da sua tese, pondo em destaque o carácter inconformista do Padre Inácio, a evolução do pensamento registada na publicação de obras, em particular na *Carta à Juventude Portuguesa* e a mentalidade moderna que preconiza.

Aqui se revela bem o intelectual, o investigador e o pedagogo, o defensor de novos métodos e novas correntes. Achámos, no entanto, ligeiro o tratamento do tema: «A Universidade de Coimbra e a Companhia de Jesus», que daria, só por si, um volume, ainda que tratado já, e com que abundância!, por Mestres como Mário Brandão. Compreendemos, apesar de tudo, que Miguel Corrêa não pudesse alongar-se tanto como desejaria. Os anexos deste capítulo, que vão de p. 162 a 175, completam e esclarecem suficientemente a doutrina expendida nas páginas anteriores.

O cap. IV trata da «expulsão da Companhia de Jesus (1759-1761)», autorizada pelo Papa Clemente XIV, tema complementado com anexos essenciais: conspiradores, traidores, rebeldes e agressores são apotegmas que serviram o despotismo inqualificável de Pombal, apoiado pela vontade de um rei. Miguel Corrêa sai em defesa dos perseguidos e exilados, e fá-lo com argumentação verdadeira e inquestionável. Com base nas fontes autênticas descreve o martírio dos exilados e martirizados que, afinal, «em nome da Fé tudo souberam sofrer e ultrapassar». E, diríamos, alcançar a vitória merecida, na Terra ou na Eternidade.

A obra monumental de Miguel Corrêa Monteiro contém ainda mais quatro extensos capítulos: V – “Inácio Monteiro e a Ferrara Pontificia (1761-1789)”;

VI – «Inácio Monteiro em Ferrara na época revolucionária (1789-1796)»; VII – «O eclecticismo filosófico de Inácio Monteiro»; VIII – «O homem e o religioso face ao seu destino», tratados com a mesma minudência histórica e a mesma seriedade dos anteriores. O último é até revestido de 33 p. de preciosos *fac-similes*.

A «conclusão», que vai de p. 507 a p. 514, é demasiado extensa e mais uma síntese da dimensão do livro. Compreendo-a, mas não estranharia se se reduzisse ao último parágrafo da p. 514.

Quadro sincrónico e uma extensa bibliografia, manuscrita e impressa, onde nada me parece faltar, seguida de um índice onomástico indispensável, mas nem sempre usual em obras portuguesas desta índole, um índice analítico e um índice geral completam as 562 páginas deste trabalho tão útil e tão interessante, trabalho, diríamos de uma vida consagrada ao estudo e à investigação histórico-didáctica. Não nos diz Miguel Corrêa Monteiro como chegou à escolha do tema da tese para obtenção do grau de *doutor* que obteve com a mais alta classificação. Foi por iniciativa própria ou por sugestão de um dos seus Mestres ? Pareceu-me que a deliberação foi sua. Como quer que seja, a escolha foi feliz, uma decisão em boa hora tomada.

Lisboa, 20 de Junho de 2004.

Justino Mendes de Almeida